

ARTIGO

CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NAS TIRAS DE LAERTE COUTINHO

Por Laís Medeiros

Retas, traços, pontos e cores, com todos estes dispositivos o cartunista desenha os mais diversos signos, atribuindo infinitos sentidos, criando inúmeras identificações. Ao pegar o lápis cria diversos contornos, múltiplos objetos e sujeitos. Sujeitos esses que nem sempre necessitam estar na zona do real, figurando também em universos que são materializados em literaturas, em telas e também nos quadrinhos. E se numa folha qualquer é possível desenhar um sol amarelo que, acompanhado de cinco ou seis retas se chega a um castelo, como já disse Toquinho em sua música Aquarela, a partir dos rabiscos é praticável a construção e desconstrução de identificações. As tiras produzidas por Laerte Coutinho são exemplares do que foi dito anteriormente, visto que, como cartunista, produziu muitos personagens e em cada um deles trazia aspectos de discursos presentes na sociedade na qual estava inserida. Neste ensaio, teremos a oportunidade de conhecer dois deles e subjetividades encontradas no fundo de seus armários.

Antes de adentrar o universo das tiras, se faz necessário a apresentação de quem as cria, principalmente pela ligação que há entre as tramas dos enredos e a vida de sua autora. Nascida, no tempo ainda considerada menino por causa da existência do pênis, no dia 10 de junho de 1951, na capital São Paulo, Laerte Coutinho é considerada um dos expoentes na cultura de quadrinhos do Brasil. Sua família se

compõe de Lila Coutinho, sua mãe, José Moacyr Viana Coutinho, seu pai e ainda os rebentos Rafael, Diogo e Laila. Em 1969 ingressa na Universidade de São Paulo (USP) para o curso da Escola de Comunicações Culturais assim como, tempos depois, a de Comunicações e Artes. Ainda com relação à sua formação acadêmica, foi admitida nos cursos de jornalismo e música, contudo não levou até o fim nenhum deles. Seus trabalhos iniciais foram desenvolvidos ainda dentro do campo universitário, onde criou a revista Balão e chegou a receber prêmios. Na década de 1970 entra para Gazeta Mercantil e para a Folha de São Paulo enquanto desenvolvia, em paralelo, atividades junto a partidos políticos e movimentos sindicais.

Costumeiramente militante, Laerte introduz em suas tirinhas a sua visão de mundo, de maneira que quando decide levar ao fim e ao cabo sua tranxeneridade, da qual falaremos adiante, isto a levou para os desenhos e transformou um personagem já consolidado em sua obra, em transgênero. Esse conceito também é apresentado através da abreviação trans, utilizada para designar os sujeitos da população transgênera. Para a elucidação inicial e sintetizada do termo se fará uso do trecho apresentado a seguir

transexuais – com identidade de gênero masculina ou feminina e não necessariamente separados, travestis – mantém trânsito entre masculino e feminino, hetero e homossexualidade, visto que não apenas fisicamente apresentam características de ambos os sexos, mas também elementos identitários dos dois gêneros podendo manter relações estáveis com pessoas de sexo biológico oposto. (SILVA; BARBOZA, 2009.)

Em 2004 Laerte publica uma tira (figura 1) que o personagem Hugo aparece num processo de montagem, sob a justificativa de ser

uma maneira de fugir da máfia que o perseguia.



Figura 1

A tira apresentada traz o personagem Hugo passando batom, depilando as pernas no segundo quadro e logo após, no terceiro, o mesmo aparece afirmando que “As vezes um homem tem que se montar”. Esta tira, que é publicada no ano de 2004, quando a autora tinha cinquenta e três anos, é significativa à vida e obra de Laerte, pois foi após a publicação desta que uma leitora, a arquiteta Maria Paula Manfitane, que também passou por essas experiências, entrou em contato com a cartunista e o questionou sobre se essas novas práticas do personagem não seriam demandas da própria autora “O fato de <Hugo> imitar o visual das mulheres certamente denunciava algo sobre mim - sobre ambições que eu me negava a explorar às claras. Foi quando recebi o e-mail de uma arquiteta, fã do Hugo. Quer dizer: de um arquiteto que abraçou a identidade feminina” (COUTINHO, Laerte. Revista Bravo, em 2010).

A partir das transformações na vida pessoal, as tiras de Laerte ganham novos contornos, o que deu margem para o surgimento de Muriel (figura 2).

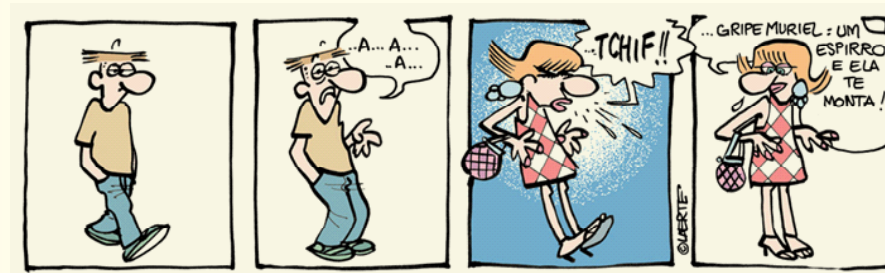


Figura 2

Na tira apresentada acima se vê Muriel, que se materializa através de processos de montagem, não apenas estético ou corporal, mas principalmente através de uma série de discursos utilizados por Laerte, em suas tiras, construtores das identificações da personagem assim como da sua própria vida pessoal, tendo em vista que a autora perpassa por mudanças em história e assume sua identificação feminina – mais abertamente a partir de 2009, como a mesma fala em entrevista ao programa Provocações do dia 01 de março de 2011, apresentado por Antônio Abujamra.

Esse conjuntos de discursos geralmente são apresentados em tiras publicadas no site dedicado exclusivamente à Muriel assim como o espaço que ela dedica as tirinhas nas quais discute assuntos relativos aos gêneros, às sexualidades.



Figura 3

A tirinha 3 nos traz o universo escolar e um discurso, presente não só no texto como também nos desenhos, que tem a intenção de criticar o modo como a cultura ocidental tem trabalhado as questões de gênero, nas figuras de professores, alunos e funcionários. No primeiro quadro há um globo terrestre desenhado quadrado, diferente de sua forma original ele está ao lado dos seguintes dizeres “Escola infantil, primeiro mundo” e remete a seus leitores, através do uso da ironia, a ideia de que essa escola, assim como o seu mundo, são retrógrados, quadrados. Nele ainda aparece o que seria a professora dando boas vindas às crianças, de maneira a demarcar nitidamente a dicotomia quando diz “crianços e crianças”, realizando uma separação semântica que nem mesmo existe em nosso vocabulário.

Nos dois quadros seguintes as falas das personagens seguem a linha do discurso heteronormatizador que pretende formar homens e mulheres normais e para tanto a tira pode passar a ideia de que é necessário iniciar esse processo de produção dos sujeitos dando roupas que seguem essa mesma lógica, uma camisa rosa para quem é menina e uma azul para menino – esta é uma maneira na qual o binarismo se apresenta cotidianamente, praticamente na maioria dos espaços assim como faixas etárias. O fechamento da tira se dá com a imagem dos infantes presos em camisas de força, sendo as respec-

tivas das cores atribuídas ao sexo de cada um. Uma nítida crítica de Laerte à educação que nos é oferecida, não apenas na escola, mas dentro dos meios de sociabilidade em geral, pautada nas diretrizes do sexismo para construir lugares sociais delimitados aos sujeitos. Esse modelo educacional corrobora para a reafirmação e consolidação dos papéis de gênero, onde a mulher cabe vestir o rosa, que foi estabelecido como a sua cor, que representa a sensibilidade, e ao homem vestir azul, demonstrando a virilidade masculina. A eles caberá sempre o espaço público, o direito a fala e a existência social real. Elas são educadas para o campo do privado, para profissões que envolvem o cuidado que exige o instinto maternal nelas sempre existente.

Ainda acerca da cultura educacional presente na sociedade ocidental se apresenta a trama da tira 4:



Figura 4

Na tira 4 Muriel volta ao “além”, representado por um indivíduo vestido de branco e sem formas ou curvas muito elaboradas, dando a não especificar claramente o seu gênero, exigindo que em sua reencarnação tivesse um pai que não se identificasse com as ideias machistas. Em seguida, na sua nova chance de nascimento, aparece a um homem que parecia enfim satisfazer o pré-requisito que estabeleceu, se deparando com um discurso de respeito a liberdade e à

diversidade. Contudo, no último quadro a história do bebê Muriel sofre uma reviravolta. A figura paterna antes compreensiva, agora se apresenta de maneira a se mostrar verdadeiramente, revelando a Muriel que a mesma foi pega numa cilada, visto que o discurso agora se pauta na necessidade da construção de uma imagem, assim como da identidade de macho, que é a recomendada, e bem mais além, exigida pelo universo ao qual esses personagens pertencem.

A educação pautada no sexismo é um dos elementos formadores do sujeito ideal, de perfil completamente alinhado, que se apresenta de forma congruente de maneira a harmonizar suas identificações de gênero, desejo e sexo. Tal modelo é o que Judith Butler vem chamar de performance, consistindo na fabricação de modelos construídos a base de normas, que são constantemente reforçadas, reiteradas pelas instituições e seu poder. Sugere que somos criação e até mesmo o gênero ou o sexo são produtos e tem a demanda do reforço através da atuação dos papéis de gênero, dia após dia. Por outro lado é importante perceber que como afirma Pereira (2006) quando diz que “Se as sociedades inventam formas de regular e de materializar o sexo nos sujeitos, e se essas ‘normas regulatórias’ necessitam ser repetidas frequentemente, citadas e reiteradas amiúde, há, contudo, torções e lapsos no processo” (p.470).

A partir dessas transformações ocorridas nas formas de se ver e pensar o gênero, além da sexualidade, se cria a dicotomia que consiste naquele que é aceito e do outro lado aquele que é impróprio. As possibilidades de identificações com os gêneros vão sendo diminuídas e postas de lado, se configurando as experiências em binarismos que de maneira resumida se moldam em o que se é permitido e aquilo que não pode existir, sendo ferozmente condenado através desses códigos

culturais assim construídos. Louro fala em Pedagogias da sexualidade que “As sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens.” (2000, p.15).

Os espaços são então demarcados de maneira meticulosa, cada centímetro delimitado pela normatização existente em “uma lógica social e cultural que bane a autonomia corporal e nega reconhecimento social aqueles que não são identificados com os ideais normativos do sexo e sua lógica binária e heterossexista.” (PINO, 2007, p.159) Essa perspectiva é representada por Laerte, nem de maneira passiva ao aceitar sem questionar qualquer ponto, muito menos de maneira a negar completamente, mesmo que em diversas tiras seja visível a insatisfação com asposições binárias sob a qual nossa sociedade é culturalmente baseada e é também pulsante o desejo da ampliação de algumas ideias que permitiriam, por exemplo, a não necessidade de ocupar um lugar identitário – o que talvez seja considerado utópico ainda para os prumos das pesquisas históricas, mas que já aparece enquanto anseios dos sujeitos contemporâneos. Mas ainda falando no que toca a questão da criação e manutenção de códigos sociais que cristalizem o esquema binário de classificação do gênero na tira 5 fica nítido um dos elementos do mesmo.



Figura 5

“Vamos reeducar você!”, “...vai voltar a ser homem, Hugo!”, “Se vestir como homem!”. Essas são as frases encontradas no início da tira 5, onde seus antigos companheiros do Clube do Tranco lhe impõem o dever de se comportar como o macho que eles cresceram aprendendo que deveriam ser. As representações do homem macho trazidas por Laerte são sempre recheadas de semblantes mal encarados, que levam a impressão da fala alta, da exaltação e da imposição através da violência, física ou não. Para os integrantes do Clube não é necessário que se fale só como homem, maneira já apontada anteriormente, a identidade e o reconhecimento do macho tem que vir também a partir da forma que o mesmo tem de peidar. E no quadro seguinte chega à interpretação realizada pelo personagem Rubão que emite sons e gestos próximos aos que se atribui aos cavalos, como o relinchar e o erguer das patas traseiras que se configura num coice, e ainda através de flatulências. Laerte Coutinho representa esse arquétipo de homem baseado numa imagem que remete ao grotesco, aquele que não pode ter e menos ainda demonstrar qualquer ato de sensibilidade, a ele não são permitidas as lágrimas, nem a delicadeza. Esse homem precisa demonstrar sempre a virilidade a partir da dureza, da atração física sempre pelo sexo oposto, para que nunca se tenha

dúvidas.

Contudo, Laerte também traz tirinhas que se contrapõem a tais modelos inalcançáveis de homens e mulheres, como na tira 6



Figura 6

A tira acima é uma brincadeira, que não tem nada de despreziosa, pois brinca com a metáfora que simbolizaria o enrijecimento dos gêneros apresentado na figura das frutas, na qual a banana com ameixas simbolicamente seria o falo, a masculinidade e a carambola a genitália da feminilidade. Contudo, Muriel nega essa metáfora quando se monta e se remete à figura de Carmem Miranda, mas usando como grande brincadeira a diversidade de frutas que a mesma usava – dessa maneira essa grande salada de frutas seria o desejo de não se limitar a apenas dois modelos de identificação.

As tiras nas quais Laerte apresenta Muriel são repletas de maneiras de afirmar a existência de sujeitos e corpos que fogem, mesmo que não por completo, das amarras de tais regulamentações que parecem ‘qualificar’ os corpos como humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘menina ou menino?’ é respondida” (BUTLER, 2010, p.162). Seguindo tal perspectiva, nas pesquisas relacionadas às questões de gênero, fala-se, nesse sentido, em corpos e

sujeitos considerados como inteligíveis. Esses, seriam aqueles que se mantêm em consonância com a execução contínua das normas sociais então estabelecidas como hegemônicas em nossa cultura. Antes de mais nada, é necessário o entendimento de que o próprio corpo não é uma entidade imutável, ele também é elaborado, “o corpo” não deve ser visto como passivo em relação ao gênero. “Mas o ‘corpo’ é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de ‘corpos’ que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero” (Butler, 2010, p.27).

Em contrapartida, quem se dispõe a combater a completa normalização social dos sujeitos e vivencia seu corpo, sua sexualidade e sua identidade de gênero de maneira a não se configurar em conformidade com as regras impostas e ditadas para vivê-los é considerado abjeto, termo utilizado inicialmente por Butler. Por abjeto entende-se por “corpos que deslizam nas representações do que se considera como verdadeiramente humano, situando-se nos interstícios entre o que é normal e o que é patológico (PINO, 2007, p.153)”. A população transgênera pode então ser considerada abjeta, na medida em que são sujeitos desestabilizadores das concepções de gênero, por viver em trânsito entre as fronteiras dos mesmos.

As tiras de Laerte Coutinho nos possibilita o contato com esses sujeitos, falo utilizando o plural, pois seus trabalhos publicados permitem não só o conhecimento da personagem Muriel, as tirinhas nos trazem outros perfis, como na tira 7, que se configuram contrários às representações de corpos inteligíveis que “abrangem nossas representações científicas, filosóficas e estéticas sobre o corpo – nossa concepção cultural de corpo, que inclui normas de beleza, modelos de saúde e assim por diante” (Bordo, 1997, p.33).

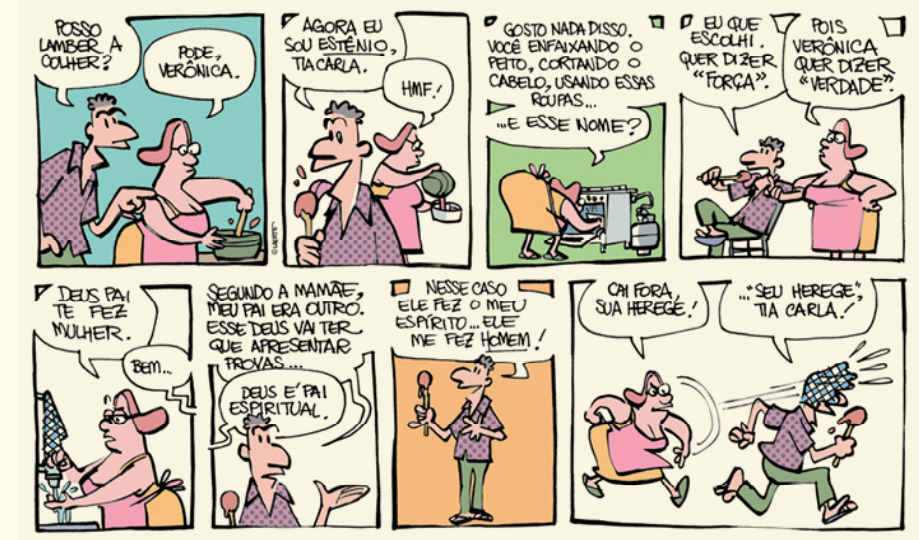


Figura 7

A tira 7 nos traz uma outra representação de travestis, a de sujeitos que nasceram com a genitália considerada feminina, mas que se reconhecem enquanto identidade masculina, não tão comum no imaginário social, visto que há uma imagem caricaturada construída a partir de elementos carnavalescos e geralmente afeminados. Na figura posta anteriormente vê-se a personagem da tia Carla se utilizando de argumentos religiosos para tentar mostrar a Estênio, que aparece vestido de calça e uma camisa que não permite a aparição de seios, que ele deve continuar a ser Verônica, já que seu deus lhe trouxe ao mundo dotada de uma vagina e que em sua forma de ver o mundo já diz que dessa maneira se é mulher. Essa ideia é reforçada no quarto quadro, quando Estênio afirma que tal nome quer dizer força, por outro lado a sua tia reafirma sua visão de mundo ao enfatizar que Verônica significa verdade, passando a noção de que seu

sexo biológico traz a exatidão condizente a seu gênero. Os discursos reguladores dos sujeitos são produzidos de muitos lugares distintos, de instituições como a da ciência médica e por outro lado o religioso, como encontrado na tira apresentada acima.

Tais tirinhas, nas quais Laerte insere a temática de gênero, sexualidade, desejo e afins, são também discursos que a autora se utiliza para consolidar as experiências que fogem aos padrões construídos e cultivados em nossa cultura. Essas perspectivas são uma espécie de arcabouço em que ela mesma se apoia tanto para sua saída do armário, quanto para a vivência e permanência fora dele.

Após discutir essas questões nas quais os discursos binários interferem diretamente, torna-se necessário pensar esses corpos, esse sujeitos de maneira que os mesmos não estejam enquanto os apontados como desajustados, como anomalias, como pessoas de sanidade mental, pelas suas vestimentas, por causa das transformações produzidas ao modificar, por muitas vezes de forma brutal, suas próprias estruturas físicas. Não se deve pensar, tanto socialmente quanto cientificamente, as diferenças enquanto ou como desigualdades, elas precisam ser analisadas e vivenciadas de maneiras que fujam dos binarismos que compõem nossa cultura heteronormativa, machista, sexista, misógina, transfóbica, dentre outros rótulos que podem qualificá-la. Como disse uma vez João Nery “Não nasci num corpo errado, nasci na sociedade errada” (NERY, 2013), esses sujeitos não possuem experiências de corpos errôneos, mas da necessidade que a cultura da qual fazem parte possui em torna-los congruentes, ao ponto deles sentirem a impossibilidade de viver suas identidades de gênero, seus desejos, suas orientações sexuais sem antes enveredar pelos caminhos das transformações corporais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In.: O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2ª Edição, Autêntica, Belo Horizonte 2000; 110 – 125.
- LOURO, G.L. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>. Acesso em 10 de julho, às 15:10.
- SEDGWICK, EveKosofsky. Cadernos Pagu, número 28, janeiro-junho de 2007: 19-54

LAÍS MEDEIROS (PARAÍBA) – Historiadora. Graduada em História, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Atualmente se dedica ao mestrado de mesma área na UFCG, no qual pesquisa as questões relacionadas à gênero e identidade.